

JOSÉ CARDOSO PIRES PARA REVISTA "TRIUNFO"

# "Mais do que nunca o PS é responsável pela trajectória do nosso futuro"

«Nestes dois anos de perigosa espera o PS é mais do que nunca responsável pela trajectória do futuro português» — assim pensa e assim disse José Cardoso Pires à revista espanhola «Triunfo» no tenno de uma entrevista toda ela voltada para o Portugal de hoje, onde o escritor e antigo director adjunto do «DL» vê uma escalada de direitos substanciada no IV Governo Constitucional que seria, afirma, feita «em termos mais sólidos e programados do que nos Governos anteriores».

Para José Cardoso Pires vivemos um momento em que a inflação para a direita, com a sua carga de gestos reacçãoários, com a perda que implica para os ganhos adquiridos em 25 de Abril de 1974, ser a agora patada sob a clara forma de uma «aceleração sem ambiguidades». A pouco dias de partir para Londres onde vai fazer umavez viajar-se na Universidade, mas

incuria industrial, se assim se pode dizer, Moita Pinto não vem da Universidade de Coimbra, onde tem cátedra e círculos de influência. E, já se sabe, entre a via democrática e o autoritarismo legalista dos controladores do «Portugal velho»-preferencia dáima alternativa. Poderá dar dividendos menores a médio prazo, mas é mais prudente e menos sobressalada. Sei pouco de sei que é um «homem do presidente». Mas as primeiras decisões que fez em público inquietaram-me. Um certo tom de discurso, compreende?

Uma certa sintaxe que fazia lembrar os líderes «providenciais» e onde o sujeito do discurso se deliberadamente indeterminado para se confundir com o todo do poder. Não considero este aspecto como umadistanciação literária. Quando Moita Pinto, para comunicar com o país, confunde o «eu» com o Estado e utiliza um estilo «ex-cathedra», ativo e impositivo, a quando no seu discurso se revela como que aquela ordemção burocrática que tenta transmitir uma sensação de meléto e de autoridade constituída, é natural que nos inquietemos. São sinas conhecidíssimas componentes estatutárias de uma cocção polifacética praticado em Portugal ao longo de dezenas de anos. Depois enunciado o progresso da Constituição Agrária incitada pelo Governo anterior. O simples facto de ter escolhido para a pasta da Agricultura o mesmo ministro que no Governo anterior tinha desenvolvido aos laudatórios as terras das cooperativas socializadas demonstra que está disposto a ir mais além nesse desajo aberto».

T — «Que outros projectos do Governo têm este mesmo sentido?»

JCP — «Há outros capítulos que por agora aparecem como simples tramas a desenvolver. Como as primeiras desinstitucionalizações por exemplo. Não as desinstitucionalizações da Banca, porque na situação actual os créditos favoráveis são beneficiários do antigo regime. Refiro-me a certas empresas socializadas que têm vindo a acumular investimentos estatistas para superar os fatios jogos financeiros postos a casto no 25 de Abril. Refiro-me também a outros aspectos e a outros sectores: por exemplo, quando Moita Pinto aponta como acção programática a luta, intraos marginais, ou quando invoca, em termos vagos, um nacionalismo cultural. Estes argumentos são demasiado conhecidos dos portugueses. Metáforas. Metáforas políticas. Sob a capa da cruzada contra os anti-sociais pode desencadear-se a repressão ideológica, como sucede no Brasil. E em nome do nacionalismo cultural também se produziu muitas vezes o «stress» da censura e do dirigismo da Informação e do Ensino. Tais metáforas viram em retoro das pressões indirectas a Igreja e contra

a programação democrática do Ensino de que actualmente dispomos».

## «UM PUNHAO DE DE CAPITÁES»

T — «Que outros sinais encontra em Portugal da «recuperação direita?»»

JCP — «Ela opõe-se no aparelho jurídico, que em grande foi colaboracionista das Forças de Segurança Pública, às quais torram dados amplos poderes

pelos Governos de Mário Soares. Mas entendo que nesta escalada de repressão também cabe alguma culpa ao PC, porque, como partido representado na Assembleia da República, não utilizou todos os seus poderes oficiais na denúncia dos abusos policiais».

T — «E porque não faz tal?»

JCP — «Som, o PC tanto opevor do alarmismo, como se sabe. Mas as razões fundamentais são outras. Em primeiro lugar a necessidade de estabilização, se

é que é um motivo. Mas acima de tudo o PC evita tocar por dentro das forças militares, e nelas está toda a contradição do 25 de Abril».

Um punhado de capitães fez a Revolução e deu a imagem nova às Forças Armadas, que estavam desprestigiadas e eram impopulares. Não foi mais do que um punhado de capitães. E todos os militares surgiram, da noite para o dia, com um carisma evoluto, mais digno, mais cultural. E, claro, nessa massa castrense, que não foi sanada

dada a minoria dos capitães de Abril, existiam a vários níveis militares comprometidos com a Pidee com a repressão na época do fascismo. Daí a extrema sensibilidade que oteneo o controlo do aparelho de ordem pública e a dificuldade de denúncia».

## «TRIUNFALISMO DEMOCRÁTICO»

T — «E o Partido Socialista?»

JCP — «Meficou-se a si pró-

© VITÓRIA 1988, 14



«Crises, convergências, jogos de partido, muita coisa poderá suce der até 1980. Não confirmam os risonos»

desta feita como escritor-releante, o autor de «E agora, José?» (título que fazemos a colação por nos parecer signífica fivodo processo de reflexão que tem vindo a fazer sobre o seu tempo e o seu espaço, e sobre a sua inserção neles) deixa boa medida para o leitor-cidadão meditar. E também um motivo desta transcrição integral é a entrevista, acompanhada no mesmo número da revista de José Angel Ezcurra por um artigo do subdirector Eduardo Haro Tenjén intitulado «Portugal a direita ali mas e» e por Henrique Leonardo Sciacca sobre «caso Moro» e de Gabriel Garcia Marquez acerca do bloqueio a Cuba.

Seguem, pois, as perguntas do jornalista espanhol e as respostas do escritor português:

TRIUNFO — «O novo Governo significa uma escalada da direita?»

José Cardoso Pires — «Significa isso, mas em termos mais sólidos e programados do que nos Governos anteriores. Digamos que é uma aceleração sem ambiguidades do processo de recuperação direita».

T — «Que diferenças há entre Nobrega Costa e Moita Pinto?»

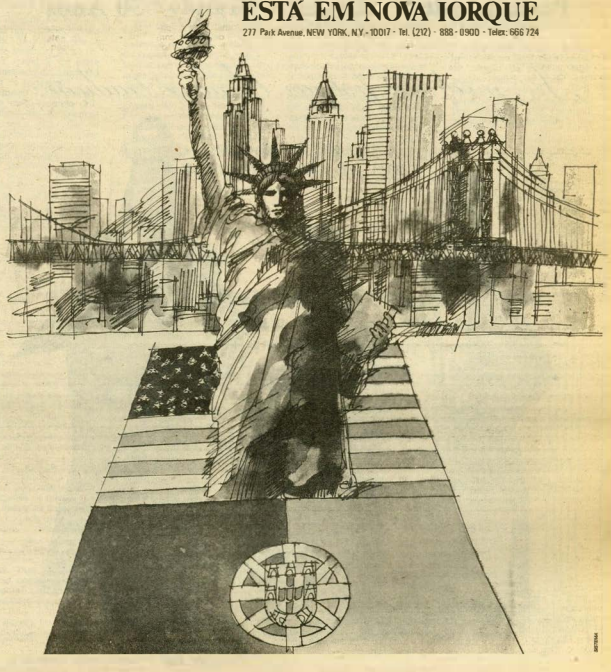
JCP — «Nobre da Costa era um tecnocrata de formação científica anglo-saxónica, um trabalhista no esquema de aris-



## PARA APOIAR AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE PORTUGAL E OS E.U.A. O BANCO TOTTA & FIÇORES

### ESTÁ EM NOVA IORQUE

277 Park Avenue, NEW YORK, N.Y. - TOTTA - Tel. (212) 888-0900 - Telex: 666724



# José Cardoso Pires

Continuação da pág. 11

prio num triunfalismo dramático. Menosprezou os compromissos da direita, supondo-se em situação de corrigi-los ou absorvê-los como contradições de emergência. É um partido de formação relativamente recente, que foi surpreendido pela sua chegada a um poder que lhe caiu nas mãos. Daí o novo-riquismo do PS no Palácio do Governo. O desejo de dar uma imagem de ordem e de poder contínuo levou-o a copiar certas fórmulas, certos ritos palacianos e certas exteriorizações que os políticos do regime anterior exibiam sem contradição. Mas isso é puramente superficial. O pior, parece-me a mim, é que a «praxis» política do PS acusa muitas vezes um gosto pelo maquiavelismo liberal que fez escola entre os republicanos antes de Salazar que gravitavam na política do caciquismo e das clientelas eleitorais. Este vício levou o PS a arranjos de transição perfeitamente ingénuos e a oportunismos ridículos e desnórmulas, certos ritos palacianos e certas exteriorizações que os políticos do regime anterior exibiam sem contradição. Mas isso é puramente superficial. O pior, parece-me a mim, é que a «praxis» política do PS acusa muitas vezes um gostoPS a arranjos de transição perfeitamente ingénuos e a oportunismos ridículos e desnecessários».

**T – «Qual é o papel de Eanes em toda esta crise?»**

**JCP –** «Eanes é um chefe de Estado de perfil presidencialista que se diz defensor da Constituição, mas a quem ultimamente sugeriram hipóteses de emendas. Está naturalmente empenhado em continuar na Presidência da República, e creio que tratará de tirar proveito desta situação para ganhar apoios nos sectores conservadores milita-

res que lhe proporcionarão a candidatura às eleições de 1980.»

**T – «Você qual acha que possa ser a posição do Partido Socialista a partir de agora?»**

**JCP –** «Muitas coisas vão depender dele. Como partido deteriorado e em certa medida receoso de eleições imediatas, preferiu aceitar um Governo direitista a enfrentar-se com as urnas. Confia em que até 1980 poderá, na oposição, reabilitar a imagem e a coerência democrática que desperdiçou quando governava. Sem submeter-se a eleições de problemáticos resultados, aceitará dois anos de Governo conservador, durante os quais poderá impedir o avanço reaccionário com o peso que lhe dá o facto de continuar a ser o partido maioritário na Assembleia. Mas em dois anos acontece muita coisa. Crises, convergências, jogos de partido, muita coisa que poderá alterar o esquema político português. É nisso que confiam os reaccionários, já se sabe. Vão lançar a sua ofensiva tão desejada, vão parlamentar contra uma Constituição verdadeiramente democrática. Procurarão esvaziá-la, submergi-la com propostas de emendas e com decretos. Tudo isso, tudo isso... Mas nestes dois anos de perigosa espera o PS é mais do que nunca responsável pela trajectória do futuro português. Terá de constituir uma frente com o PC, por muito que lhe desagrade. E, por muito que lhe desagrade também, terá de ver-se obrigado a contradizer muitas das suas teses políticas, de que a direita se quer aproveitar e que quer desenvolver. Na Bíblia, como dizia Shakespeare, contém-se até a defesa dos diabos. Mas nos Parlamentos políticos essa defesa custa caro: e pagam-na milhões de inocentes.»